

# Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 9 - edição 22 - Junho 2024



## Enredo da Viradouro recoloca Minas no mapa da religião Vodum

por Karla Scarmigliat



# CHICADA SILVA



## Alegria de quem veste!

chicadasilva.com.br

# Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

## Editorial

Gente, com a ajuda de vocês, leitoras e leitores, que valorizam a arte e a cultura de matriz africana, chegamos à 22ª edição da Revista Canjerê. Que vitória!

Esta editoria está sendo fechada em maio, mês em que, no dia 25 é celebrado o Dia da África, que é a comemoração anual da fundação da Organização da Unidade Africana, hoje conhecida como União Africana, a 25 de Maio de 1963.

A nossa maior relevância nesta edição é para evidenciar este africano, gigante, pouco conhecido pela maioria das pessoas aqui no Brasil - Cheikh Anta Diop (1923-1986). Ele foi um polímata senegalês formado em Física, Filosofia, Química, Linguística, Economia, Sociologia, História, Egíptologia, Antropologia, versado em diversas disciplinas como o racionalismo, a dialética, técnicas científicas modernas, arqueologia pré-histórica. Enfim, um homem africano que estudou as origens da raça humana, e a cultura africana antes da colonização.

Ainda hoje ele é considerado como um dos maiores historiadores africanos do século XX. Cheik Anta Diop utilizou todo o conhecimento acumulado pela humanidade até então, derrubando o racismo científico, para sustentar a tese que defendeu em toda sua vida: O Egito antigo como uma civilização negra.

Justo nesse Dia da África, será inaugurada no Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB, a exposição "Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira, com a curadoria de Deri Andrade, nosso entrevistado nesta edição 22 da Revista! A exposição conta com 150 obras produzidas por 61 artistas de diferentes regiões do país. O objetivo é revelar a grandiosidade das obras de artistas negros, negras e negres do Brasil, ainda que muitas representações artísticas tenham ficado de fora.

Ainda neste dia, o Casarão das Artes Negras fará um tributo ao continente africano, por meio da musicalidade, exposição de artes e contextualização histórica, por meio de um africano que vive no Brasil. Sobre esse evento, você poderá acompanhar em nosso site e nas nossas redes sociais.

Mas, a revista tem muita coisa bem bacana, relacionadas às diversas manifestações culturais de matriz africana, pesquisada e escrita pelas nossas colaboradoras e colaboradores.

Agradecemos mais uma vez o fato de você prestigiar a nossa revista, que é preparada com muito carinho!

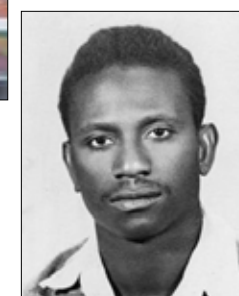
Acesse nosso site: <https://revistacanjere.com.br>

Equipe Casarão das Artes Negras/ Revista Canjerê

## SUMÁRIO

- p6** Entrevista  
A CURADORIA DE DERI ANDRADE:  
Não há volta à invisibilidade da arte afro-brasileira de negros, negras e negres
- p18** Matéria de capa  
Enredo da Viradouro recoloca Minas no mapa da religião Vodum
- p24** África  
Cheikh Anta Diop: Pensador das Áfricas e da diáspora
- p26** Ensaio  
Literatura e Mulheres Negras: Possibilidades
- p10** Comportamento  
Festival Feira Preta: uma celebração da cultura e do empreendedorismo afro-brasileiro
- p12** Canjerê  
Canjerês entre BH, Bahia e Rio de Janeiro
- p14** Gente do Canjerê  
Simone da Silva: uma jornada de determinação e emancipação
- p16** Olhar Social  
Projeto leva cuidados compassivos a moradores da Cabana Pai Tomás, em Belo Horizonte
- p22** Negócios  
Elas deixaram seus empregos para abrir a empresa Maria Silva By Brechó. Conheça a história das gêmeas empreendedoras Gisele e Gislene Silva
- p29** Cultura - Literatura  
Bakhita
- p30** Cultura - Música  
A caneta e os versos de Matéria Prima
- p31** Cultura - Arte  
Kilombos: Espaços de produções culturais e artísticas
- p32** Notícias

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes Negras e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.



### Colaboraram nesta edição:

Ana Clara Martins, Cesar Loureiro, Coniini 06, Deri Andrade, Ester Teixeira, Evensen, Galeria Asfalto, G.R.E.S Unidos do Viradouro, Marco Terranova - Riotur, Iciabidjan, Luana Ariel, Marcelo Alonso, Nego Júnior, Noelia Nájera, Pablo Bernardo, Simone Silva, Thais Brum e Thais Duarte



Matéria de Capa  
**Enredo da Viradouro  
recoloca Minas no mapa  
da religião Vodum**  
Karla Scarmigliat

Foto da Capa:  
Marco Terranova - Riotur

## Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES NEGRAS  
Diretora Executiva  
Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora  
Rosália Diogo

EDITORIAL  
Diretora de redação  
Rosália Diogo

Editor  
Equipe da Revista Canjerê

Repórteres  
Moisés Mota, Sandrinha Flávia,  
Samira Reis e Jaice Balduino

Editoração  
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração  
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia  
Sol Brito  
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial  
Naiara Rodrigues

Revisão  
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL  
Edimilson de Almeida Pereira  
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte  
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio  
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Maria de Mazarro Rodrigues  
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila  
Instituto Casarão das Artes Negras - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Patrícia Gomes (Guiné-Bissau)  
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo  
Instituto Casarão das Artes Negras - Belo Horizonte - Brasil

## A CURADORIA DE DERI ANDRADE: Não há volta à invisibilidade da arte afro-brasileira de negros, negras e negres

**Robson Di Brito**

Mestre em Humanidade, Mestre em Artes

A palavra curador tem sua origem no latim “curator”, que significa aquele que administra, a seu cuidado, um tutor, uma pessoa ou instituição que cuida, o encarregado de zelar. Entretanto, na contemporaneidade e na urgência de entender as relações entre arte, sociedade e igualdade de direitos, a curadoria torna disponível para as pessoas aquilo que nos importa. Alguém que salvaguarda a obra de arte, como a curadoria artística, também cuida do conhecimento, da informação e da disseminação do acesso. É dessa maneira que entendemos o curador Deri Andrade, idealizador da plataforma Projeto Afro e curador da exposição “Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira”. Deri abraça a função de apresentar ao público uma seleção de obras que dialogam com as diversas camadas sociais, tencionando arte e sociedade a partir das perspectivas da arte afro-brasileira, como na Plataforma Afro. Mas, também, apresenta a expressão de obras e artistas negros, negras e negres por uma exposição que abarca artistas, tempos históricos distintos, técnicas diversas e várias regiões do país, como foi a exposição no CCBB na cidade de São Paulo.

**Jornalista pela UNIT, especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais, mestre em Artes, ambas, pela USP. Além de curatorias no Brasil, na Inglaterra e na Itália, atualmente é curador assistente no Instituto Inhotim aqui em Minas Gerais. Como que essas formações e atuações o auxiliaram a entender a necessidade e urgência da Plataforma Afro?**

O projeto Afro é uma plataforma de mapeamento de difusão de artistas negros, negras, negres brasileiros. Em 2019, realizei uma chamada pública nas mídias sociais para conhecer artistas e obras que não havia conhecido na minha formação.

De fato, o projeto foi gestado durante minha especialização em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais quando tive contato com os debates sobre a arte afro-brasileira, mas, senti a falta de uma arte e um artista negro, que estivesse nesses espaços por onde passei. Desejei, de fato, entender o que é essa arte, quem são esses artistas, como se lançam neste mercado.

O projeto busca também repensar sob a ótica negra como os artistas, em suas regiões, lidam com os diversos dilemas que a invisibilidade que lhes atingem trazem.

**O que é a arte afro-brasileira?**

Para responder essa pergunta, é preciso levar em consideração que a cultura afro-brasileira enfrentou e ainda enfrenta muitos preconceitos. E isso também está no meio da Arte, e nas subjetividades que ela convoca. Com a plataforma, pude compreender que a contribuição de artistas negros, negras e negres para as artes plásticas brasileiras ainda trava lutas duras, batalhas para ser reconhecida. Essa negação está para além do plano simbólico, mas também nas dificuldades colocadas para a circulação desses criadores no sistema profissional da arte. É mais, não há como classificar uma estética que seja afro-brasileira por critérios que não esbarrem nas classificações eurocêntricas e acadêmicas que têm como pressuposto de análise a Europa. Os artistas negros, negras e negres tiveram papel importantíssimo em nossas artes visuais desde o início da colonização; eles eram mantidos à margem do sistema da arte, negados, silenciados ou simplesmente embranquecidos por discursos institucionais. Isso não pode continuar ocorrendo no século XXI. Então, a arte afro-brasileira é uma arte produzida por negros, esse é um critério para o catálogo na Plataforma Afro.

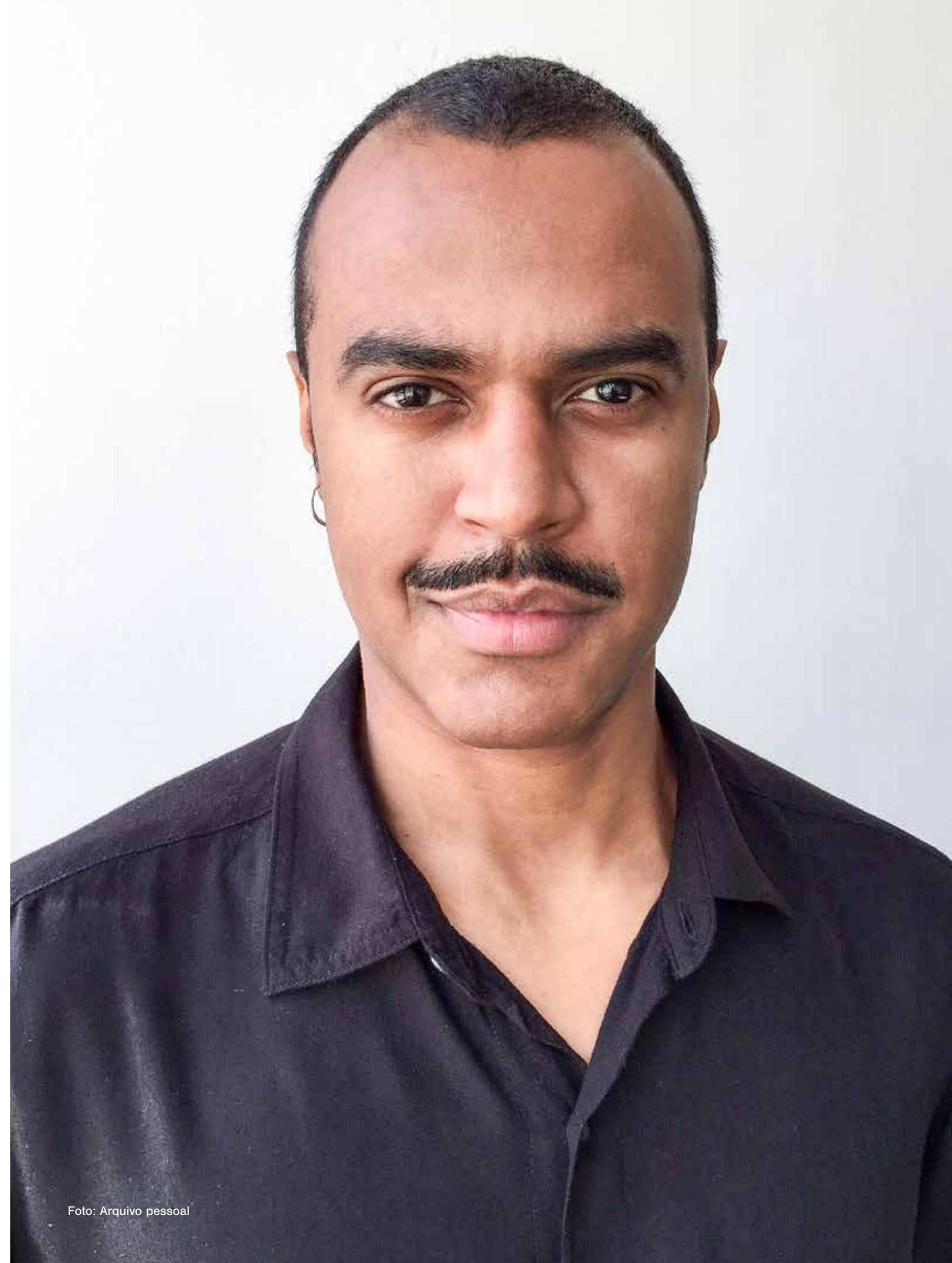


Foto: Arquivo pessoal



Senhor pescador costurando rede no mercado modelo 1976, de Lita Cerqueira - Foto: Deri Andrade

### Como foi realizar a curadoria de uma exposição tão grandiosa como a “Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira”?

Um desafio, com resultado surpreendente. Foram 150 obras produzidas por 61 artistas de diferentes regiões do país. O objetivo era revelar a grandiosidade das obras de artistas negros, negras e negres do Brasil. Uma tarefa complexa, muitos artistas ficaram de fora, o que não significa que não sejam representativos de suas regiões ou que suas obras não merecessem estar na exposição. Com patrocínio do Banco do Brasil e BB Asset Management, conseguimos produzir a exposição em cinco eixos que se destacam por nomes centrais da arte afro-brasileira: Arthur Timótheo da Costa, Maria Auxiliadora, Rubem Valentim e Mestre Didi e Lita Cerqueira. Unimos os históricos artistas e suas clássicas obras com artistas e obras contemporâneas.

### Você acredita que por meio da Plataforma Afro e da “Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira” é possível tratarmos hoje de elementos do modo estético de fazer arte que nos distinguem enquanto arte afro-brasileira e, ao mesmo tempo, evidencie a diáspora africana que nos constitui?

Além de ser uma pergunta complexa, esbarra em vários fatores. Como posso avaliar uma estética que seja afro-brasileira se ela é constituída de diversas influências e vários atravessamentos? Se for avaliado um artista negro, negra, negre, cujas obras não apresentam o corpo negro, ela não poderá ser

considerada como arte afro-brasileira. Por exemplo, um artista que investiga a cromatização das cores? E, por outro lado, um artista como mestre Didi que tem em sua atuação de sacerdote a fonte de inspiração para sua produção artística, é uma fidedigna representação de arte afro-brasileira? O que mais nos importa neste momento é entender que essa é uma arte feita por negros, negras e negres. Isso é permitir que suas diversas formas de expressão sejam contempladas. A partir disso, aí, sim, cabe aos críticos, teóricos e analistas produzirem uma articulação respeitável a esses artistas e suas obras mediante produção de pensamento estético, e também descobrir a que servirá essa produção de pensamento.

### Em 2019, ocorreu a exposição “Tarsila Popular” no MASP com repercussão midiática e grande assistência de público. Você observa uma receptividade semelhante com a exposição “Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira”?

Para nossa surpresa, tivemos um grande público para essa exposição. Com números expressivos de visitação que se assemelham a grandes exposições no Brasil e no exterior. É claro que a repercussão midiática não foi semelhante à que ocorreu no MASP com a Tarsila, mas, em contrapartida, tivemos uma agitação pelas mídias sociais e os veículos de comunicação digital que possibilitaram o acesso às informações da exposição e o convite para visitação. O que demonstra que há um público consumidor



Série Afetocolagens 2022, de Silvana Mendes - Foto: Deri Andrade

dessa arte que deseja acessar mais informações, e isso demonstra também a importância da Plataforma Afro, já que a seleção das obras ocorreu por meio do acervo da plataforma.

### Sendo um indivíduo negro, acessando espaços que foram negados a comunidade e tendo uma atuação de visibilidade, comunicação e beleza à arte afro-brasileira, como você avalia a receptividade de suas ações e de sua presença nesses ambientes?

Busco realizar uma reflexão no sentido de que é irreversível a nossa contribuição enquanto comunidade negra em espaços de poder, de visibilidade social e artística. O que não significa que não existia antes; sim, a contribuição negra de indivíduos e ações já estava lá, mas eram subestimadas ou apagadas. Entretanto, hoje não há como retroceder, não há mais como invisibilizar, esconder ou camuflar. Estamos enquanto seres e arte afro-brasileira nos espaços que nos é condizente e que desejamos estar.

As artes afro-brasileiras e seus artistas negros, negras e negres possuem em torno deles fragmentos de um pensamento coletivo, e como tradutores da realidade nos revelam sua compreensão de mundo em forma de símbolos, cores e leituras. Coube a Deri Andrade, na atuação curatorial, revelar desse acervo nacional aquilo que necessita ser visto, respeitado e lembrado. Assim como o símbolo Adrinka Sankofa nos ensina: “Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi – Não é tabu voltar e recuperar o que ficou

para trás”, Deri retorna à história nacional em busca dos grandes artistas escondidos e silenciados, tendo como impulso dessa busca obras e artistas contemporâneos. E assim como as asas da Sankofa se abrem para o futuro, a Plataforma Afro abre ao mundo um futuro próspero de conhecimento, informação e disseminação da arte afro-brasileira.



Doriana 2023, de Victor Fidelis - Fonte: Acervo da Galeria Asfalto

# Festival Feira Preta: uma celebração da cultura e do empreendedorismo afro-brasileiro

**Jaice Balduino**

Jornalista, especialista em redes sociais e assessora de imprensa e comunicação

Em maio de 2024, o Parque do Ibirapuera, em São Paulo, tornou-se o epicentro da celebração da cultura afro-brasileira com a realização da 22ª edição do Festival Feira Preta. Sob o tema “Ser Feliz é a Nossa Revolução”, o evento marcou uma verdadeira revolução cultural, ocupando mais de 200 mil m², o que o tornou a maior ocupação de um evento no parque até então.

Desde a sua criação em 2002 pela empresária Adriana Barbosa, CEO da Preta Hub, o Festival Feira Preta tem crescido exponencialmente, indo além de ser apenas um espaço de compra e venda de produtos para se tornar uma plataforma de celebração cultural e impulsionamento de empreendedores e profissionais negros em diversas áreas.

A edição de 2024 foi especialmente marcante, contando com a presença de renomados artistas e formadores de opinião negros do Brasil, de outros países das Américas, Europa e África.

O festival contou com quatro palcos, incluindo três dedicados a shows e um reservado para talks, onde grandes nomes compartilharam suas experiências e visões sobre temas importantes para a comunidade negra.

Além disso, o Festival Feira Preta foi palco de encontros e trocas culturais entre representantes de diferentes países da diáspora africana, como Nigéria, Burkina Faso, Colômbia, Reino Unido, Estados Unidos, Costa Rica e Portugal. Profissionais dos campos do jornalismo, música, cinema, arquitetura, entretenimento, mídia, marketing, moda, literatura, viagens e política se reuniram para compartilhar seus conhecimentos e experiências, promovendo uma verdadeira celebração da diversidade e da riqueza cultural negra.

Uma das grandes novidades foi o lançamento exclusivo do mapa “Zumbi dos Palmares”, no Fortnite, anunciado pela Pretahub em parceria com a Salve

Games. Os participantes do festival tiveram a oportunidade de acessar o mapa em primeira mão em um espaço dedicado para o lançamento. Este mapa, disponível gratuitamente, promoveu uma experiência decolonial, permitindo aos jogadores defenderem o Quilombo dos Palmares contra invasores representados por figuras de robôs futuristas, com a presença dos heróis da resistência, Zumbi e Dandara.

O evento expandiu sua presença para o metaverso, reproduzindo a experiência do evento físico de forma imersiva e gamificada no ambiente online. Esta iniciativa inédita permitiu que qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, acessasse o festival através de seus dispositivos, sem a necessidade de óculos VR ou vínculos com plataformas de jogos. Essa conquista foi possível graças à parceria com a Metamazon Technologies, que desenvolveu um universo exclusivo para o evento.

Foram 182 expositores presentes, oferecendo uma ampla variedade de produtos e serviços, desde gastronomia até produtos orgânicos, destacando a riqueza de talento e criatividade da comunidade negra em diversas áreas.

Essas inovações e parcerias reforçaram o papel do Festival Feira Preta como um dos principais eventos de cultura e afroempreendedorismo da América Latina, proporcionando uma experiência inclusiva e inspiradora para todos os participantes, tanto no mundo físico quanto no virtual.

Ao final dos três dias de intensa programação, o Festival Feira Preta de 2024 deixou um legado de inspiração, empoderamento e celebração da identidade negra, reafirmando seu papel como um dos eventos mais importantes para a comunidade afro-descendente não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina.



Foto: Evensen



Foto: Evensen



Foto: Nego Júnior



Foto: Noelia Nájera



Foto: Evensen

## CANJERÊ

### Canjerês entre BH, Bahia e Rio de Janeiro

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)



A equipe do Casarão das Artes Negras celebrou com muito afeto, música e poesia, o lançamento virtual da nossa vigésima primeira edição da Revista Canjerê – **dezembro** de 2023. O ambiente escolhido foi em meio à natureza, junto aos pássaros. Presságio de que essa nossa construção que está no nono ano ainda terá muitos passos para frente.



Em **fevereiro**, fomos para a Bahia, território icônico das ancestralidades das matrizes africanas. Por lá, reencontramos uma cidade que se intitula, com propriedade, como a Capital Afro do Brasil. Os museus estavam expondo grandes conteúdos das histórias negras como, por exemplo, a “Exposição Carolinas”, sobre a vida e a obra da escritora Carolina Maria de Jesus e “Um Defeito de Cor”, a partir da obra literária do mesmo nome, da escritora Ana Maria Gonçalves. Destacamos a nossa visita aos Kilombos de Boipeba e Monte Alegre e a oportunidade de conhecer importantes histórias sobre os antepassados negros que estruturaram aqueles territórios e deixaram vastos legados culturais e artísticos que são bastante visitados até hoje. Esses territórios Kilombolas pertencem ao município de Cairu – Sul da Bahia.



Conceição Evaristo foi empossada como imortal, pela Academia Mineira de Letras, no dia 8 de **março**. Lá estávamos, nesse evento que foi bastante concorrido, com a presença maçica de artistas e acadêmicos, pretas e pretos de BH. Conceição Evaristo nasceu na favela do Pindura Saia, na Região Centro-Sul de Belo Horizonte, em 1946. A primeira publicação da ficcionista, ensaísta e poetisa foi lançada em 1990 na série Cadernos Negros, antologia coordenada pelo grupo Quilombhoje.

No dia 16 de **março**, realizamos mais uma edição do Canjerê Mulher. A agenda aconteceu na sede do Casarão das Artes Negras – Casa Canto. As convidadas foram integrantes do coletivo Negras Autoras. O coletivo Negras Autoras nasceu em 2014 reunindo multiartistas negras e fortalecendo o protagonismo de mulheres que já vinham de outras trajetórias na música. Formado por Júlia Tizumba, Manu Ranilla e Vi Coelho, o trio vivencia uma sintonia artística para descrever percursos e posicionamentos das mulheres negras na sociedade.

A estreia nos palcos se deu em 2015 com o espetáculo “NEGRA”, no qual assinaram toda a produção. O segundo espetáculo “ERAS” estreou em 2017, com direção de Grace Passô e preparação vocal de Fabiana Cozza. As canções dos dois espetáculos dão vida ao primeiro álbum e livro do coletivo, fruto de um processo gradual de construção. Os trabalhos do Coletivo versam sobre a ancestralidade, as questões históricas e contemporâneas vividas por mulheres negras. Dessa forma, o coletivo materializa a força da mulher negra – trazida em muitos momentos como objetos de estudo – como sujeitas da narrativa ao construir e contarem sua própria história.

Em **abril**, passamos pelo Rio de Janeiro e tivemos a grata oportunidade de ver a peça teatral Jorge, Para Sempre Verão. A montagem esteve em cartaz no Teatro dos Correios Lea Garcia, em homenagem à atriz que tinha esse nome e que faleceu em novembro de 2023. Também assistimos à peça e ao curta “Mãe Baiana”, outra celebração à trajetória de Léa Garcia.

Ainda em **abril**, cobrimos, em Inhotim, a abertura das exposições do artista mineiro e discípulo do escultor Mestre Orlando, Paulo Nazareth, Desconjuuro, e a exposição O Barco, da escritora e artista visual portuguesa, Grada Kilomba.

Estamos aqui, nos preparando para cobrir os festejos dos Reinados, em **maio**, alusivos ao dia 13.

Salve, Maria!



## Simone da Silva: uma jornada de determinação e emancipação

**Jaice Balduino**

Jornalista, especialista em redes sociais e assessora de imprensa e comunicação

No coração do Aglomerado da Serra, uma figura se destaca não apenas por sua presença marcante, mas pela força incansável de sua determinação: Simone da Silva. Aos 44 anos, Simone personifica a resiliência e a luta pela emancipação, uma trajetória moldada por desafios, superações e um compromisso inabalável com a comunidade.

Nascida e criada nas vielas do aglomerado, Simone conheceu desde cedo as dificuldades impostas pela vida na periferia. Sua jornada começou humildemente, com trabalhos como faxineira, mas logo ela se deparou com o peso do racismo e da discriminação. No entanto, ao invés de se deixar abater, Simone transformou esses obstáculos em combustível para buscar uma vida melhor.

Foi nos projetos sociais locais que Simone encontrou uma nova perspectiva. Incentivada por voluntários e colegas, ela decidiu buscar educação e qualificação, uma jornada que não foi fácil para uma mãe de dois filhos, lutando para sustentar a família com a renda mínima disponível. Após oito tentativas e muitas dificuldades financeiras, ela finalmente conquistou seu diploma universitário.

Hoje, Simone desempenha um papel crucial como produtora executiva e gestora de recursos humanos no Guaicuy, uma posição que exige dedicação, habilidade e visão. Sua presença nos projetos que coordena não passa despercebida – ela é uma força motriz, capaz de mover montanhas e criar mudanças positivas em sua comunidade.

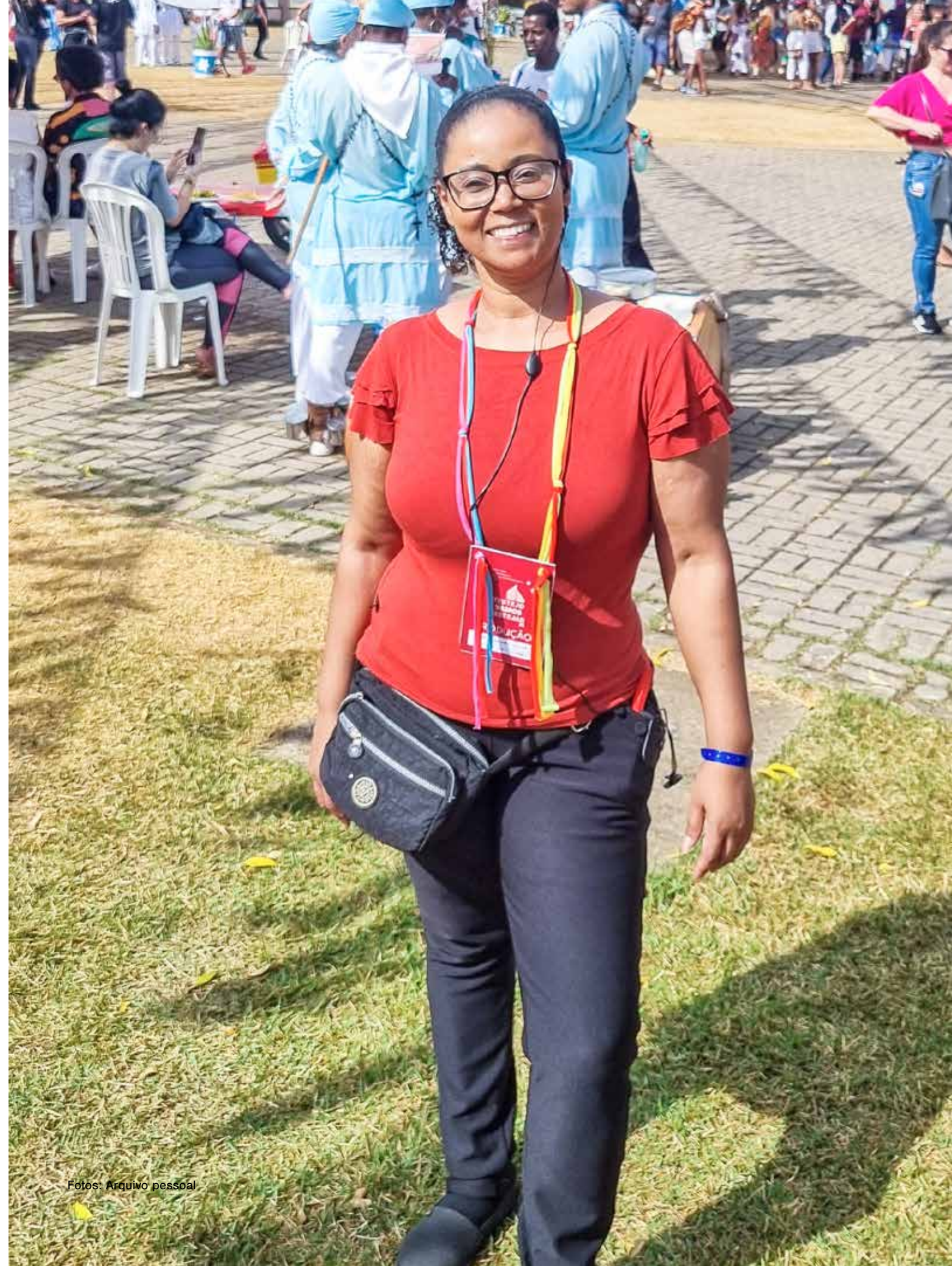
No entanto, seu impacto vai além do mundo corporativo.

Simone é uma das fundadoras da Coletiva Mulheres da Quebrada, um grupo comprometido com a emancipação e saúde física e mental da mulher. Junto com sua irmã Sandra e sua amiga Sheyla, ela promove um ambiente de apoio mútuo, conscientização e empoderamento para as mulheres da comunidade.

Além disso, sua paixão pela arte e pelo teatro a levou a fundar o grupo de teatro Armatrux, proporcionando uma plataforma para que os jovens talentos locais expressem sua criatividade e compartilhem suas histórias. Para Simone, a arte não é apenas entretenimento – é uma ferramenta poderosa para a transformação social e o empoderamento individual.

Ao longo de sua jornada, Simone encontrou inspiração em figuras como sua tia Nadir, uma mulher forte e resiliente que a guiou desde os primeiros passos. Ela também cita sua irmã Sandra e sua amiga Sheyla como fontes de apoio e inspiração, um trio unido pela determinação e pelo desejo de criar um impacto positivo em suas vidas e na comunidade.

Simone é mais do que uma líder comunitária ou uma profissional bem-sucedida – ela é um símbolo de esperança, perseverança e emancipação. Sua história inspiradora nos lembra que, mesmo diante dos desafios mais difíceis, é possível encontrar força e criar um futuro melhor para si e para os outros. Em um mundo cheio de adversidades, Simone da Silva brilha como um farol de esperança e oportunidade, iluminando o caminho para uma comunidade mais forte, unida e empoderada.



Fotos: Arquivo pessoal

## Projeto leva cuidados compassivos a moradores da Cabana Pai Tomás, em Belo Horizonte

**Naiara Rodrigues**

Jornalista formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e co-autora do livro-reportagem Diário de Bloco, sobre o carnaval de Belo Horizonte

A desigualdade social expõe muito a situação de vulnerabilidade em que direitos básicos não são acessíveis a uma grande parcela da população como alimentação, moradia, saúde, educação, segurança e lazer. Nas comunidades ou favelas, a carência de serviços públicos essenciais como saneamento básico e serviços de saúde é uma realidade para moradores, em sua maioria negros. Visando amenizar esse impacto em uma das comunidades de Belo Horizonte surgiu o Cabana Compassiva. Inspirado no projeto Comunidade Compassiva, idealizado pelo prof. dr. Alexandre Ernesto Silva, implementado no Rio de Janeiro, em 2020, na Rocinha e no Vidigal, a versão mineira do projeto atua no bairro Cabana do Pai Tomás, um dos maiores aglomerados de Belo Horizonte com mais de 18 mil habitantes, localizado na região oeste da cidade.

O objetivo principal é aliviar qualquer tipo de sofrimento (físico, psíquico, social) que ameaça a vida, através da mobilização da comunidade local e da articulação com a rede de saúde, realizada com ajuda dos voluntários locais e equipe multiprofissional. Tendo como base os cuidados compassivos ou paliativos, o método busca proporcionar conforto físico e emocional, bem como melhorar a qualidade de vida de pacientes que sofrem com doenças crônicas, graves ou terminais e de seus familiares. Na coordenação do projeto, estão a terapeuta ocupacional Gabriela Raposo, e a fisioterapeuta Rafaella Aquino, que participaram da implementação do projeto em Belo Horizonte, experientes em cuidados paliativos.

### Cabana Compassiva em ação

Para funcionar, o projeto conta com uma equipe multidisciplinar, que inclui médicos de dife-

rentes especialidades, farmacêuticos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros profissionais, além de moradores do Cabana que representam o elo do projeto com os pacientes e com a comunidade.

Foto: Naiara Rodrigues



O projeto conta com a participação de voluntários e lideranças locais como Gleice Souza, Geraldo Majela, Lohrrayne Batista e Wellington Neném.

A sede da Associação de Moradores do Aglomerado Cabana (ASMAC Cabana) é o ponto de apoio do projeto Cabana Compassiva e também o contato para indicação de pacientes. É na associação que os voluntários se encontram antes e após as visitas, realizam encontros e treinamentos e contam com uma sala para armazenar materiais e medicamentos.

Responsáveis por indicar e ajudar na execução do plano de cuidados traçado para os pacientes, todos também passam por um treinamento e participam de todas as discussões e decisões do caso. O projeto realiza visitas mensais, presta assistência ao paciente e aos familiares, fazem vínculo com as equipes assistenciais para discutirem os casos, além de prestarem apoio técnico ao monitoramento realizado pelos voluntários locais.

O grupo formado por voluntários contam com profissionais que participam das visitas, e outros colaboradores prestam apoio através de doações de materiais, recursos financeiros, logística, transporte ou outra demanda que seja importante para aliviar o sofrimento dos pacientes. Além de coordenarem os grupos, atuam na elaboração de treinamentos, estruturação de dados e produção de material para que o projeto se organize e cresça. No ano passado, o projeto chegou a ficar entre os finalistas do Prêmio Euro Farma na categoria “Inovação Social e Sustentabilidade em Saúde”, concorrendo com mais 850 projetos inscritos na América Latina. A iniciativa tem ainda o apoio da ASMAC e do Instituto Entrelaçando Vidas.

Para contribuir e acompanhar os trabalhos desenvolvidos pelo projeto basta seguir o instagram @cabana\_compassiva.

Foto: Naiara Rodrigues



# Enredo da Viradouro recoloca Minas no mapa da religião Vodum

Agremiação campeã faz jus ao nome de escola e ensina a real história do Vodum no Brasil

**Karla Scarmigliat**

Jornalista independente, formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-graduada pela Puc Minas. Correspondente internacional de histórias em profundidade da América Latina.

Num Brasil que poderia ser mais africano, o vodum virou sinônimo de feitiçaria e a pobre serpente, justamente ela que é precedida de artigo feminino, ganhou estigma de maligna. Mas eis que surge na avenida, mais precisamente na carioca Sapucaí – bem na linha de frente do desfile campeão deste ano do Unidos do Viradouro – uma serpente de proporções colossais. Seu único pecado original: recontar uma história de matriz africana, na qual o culto ao vodum serpente foi demonizado e perseguido por séculos. Mas, o que poucos sabem é que para desmistificar essa história, foi preciso revisitar o passado de Minas Gerais, um dos berços da religião Vodum no país. O desfile, impulsionado pelo samba enredo “Arroboboi, Dangbé”, narra uma batalha épica na Costa da Mina, região do Golfo do Benim, entre os reinos de Aladá e Uidá, no litoral africano. Durante o confronto, a serpente Dangbé, que é um tipo de Vodum – ou seja, uma entidade tal qual os orixás para o Candomblé no Brasil – se alia a Uidá, levando à rendição da tropa inimiga. Dangbé é então honrada com oferendas e essa devoção se funde posteriormente aos cultos aos voduns ofidicos, influenciando as lutas das guerreiras Mino, do reino de Daomé, região onde hoje se localiza o Benim.

O carnavalesco Tarcísio Zanon, que desenvolveu o tema, destaca que o samba-enredo representa um reconhecimento da cultura do Vodum como parte da identidade nacional, buscando desafiar estereótipos negativos associados a essa religião. Ele enfatiza a importância de abordar questões como feminismo e racismo, que remetem às rai-

zes das escolas de samba, originadas nos terreiros onde as “tias do samba”, como Tia Ciata, desempenharam papel fundamental.

“A gente fala sobre debilidade da nossa sociedade e que nossa comunidade também enfrenta. Sempre bem-vinda, para desconstruir o imaginário popular e mostrar o tanto que esses personagens foram importantes para a nossa própria história”, acentua Tarcísio, que confessa que também desconstruiu muitos estigmas ao pesquisar o tema.



A figura da serpente apareceu representada ao longo do desfile de diversas maneiras: encantada, guerreira, cultuada, camuflada e manifestada por meio das cores do arco-íris. Imagem domínio público. Foto: Divulgação Viradouro

*Arroboboi significa “Salve o espírito infinito da serpente” e Dangbé é a serpente que simboliza o Vodum da proteção, do equilíbrio e do movimento*

Tarcísio ressalta a necessidade de desconstruir preconceitos e valorizar esses personagens na história da comunidade. A repercussão do enredo foi positiva, gerando identificação entre os praticantes do Candomblé Jeje. “A gente percebeu que a maioria das pessoas que cultua o Candomblé Jeje, que é o candomblé mais fechado, que cultua os voduns do Reino do Daomé, se sentiram mais conectadas e confiantes em se mostraram mais; esse desfile trouxe essa identificação”, avalia.

## Oh! Minas Gerais, quem te conhece não sabe a história que traz

Uma das estrofes do samba canta: “Ergue a casa de Bogum, atabaque na Bahia/Ya é Gu Rainha, herdeira do candomblé”, e destaca a figura de Gu Rainha, um vodum venerado na Bahia, iniciado por Ludovina Pessoa, uma líder que foi fundamental na construção de dois terreiros voduns centenários na região e ainda ativos: o Seja Hundé, na cidade de Cachoeira, e o terreiro de Bogum, erguido no coração de Salvador.

A pesquisa para o enredo exigiu meticulosidade devido à natureza oral da cultura vodum, mas buscou respeitar sua autenticidade e poeticidade. “O maior desafio foi a controvérsia, por ser uma cultura muito oral, contada de diferentes formas. Não poderíamos contar uma história que a religião não respeitasse e também não poderíamos tirar a poesia da história”, justifica o jornalista João Gustavo Melo, enredista/pesquisador da Viradouro.

Além dos relatos de lideranças dos terreiros do Bogum e do Seja Hundé, o enredista buscou apoio nas pesquisas e histórias já documentadas. Uma dessas histórias é descrita na obra “Sacerdotisas Voduns e Rainhas do Rosário: Mulheres Africanas e Inquisição em Minas Gerais”, do historiador mineiro Moacir Maia, escrito em parceria com Aldair Rodrigues, professor da Unicamp.

O trabalho do historiador já era conhecido pela Viradouro, que utilizou a obra “De reino traficante a povo traficado: a diáspora dos courás do golfo do Benim para Minas Gerais” (2022), para formular a parte africana do enredo do desfile de 2023.

O enredo destacou a figura extraordinária da africana Rosa Maria Egípcia, ou Rosa courana, que viveu em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, no século XVIII e teve sua história biografada por Luiz Mott. O enredo vice-campeão sobre Rosa Maria Egípcia despertou a atenção para questões do Vodum. “Do ventre da Rosa é que saiu Dangbé e foi muito intuitivo, porque as pesquisas foram se desdobrando”, conta o enredista João Gustavo Melo. Mas, as histórias de bastidores também se fazem importantes aqui. O historiador Moacir Maia contou à Canjerê que ele estava prestes a lançar um novo livro sobre sacerdotisas quando compartilhou o tema com a escola de samba. “Aí foi tudo em segredo, o livro ainda estava na gráfica e o carnavalesco pediu para ler a obra ainda no forno”, relata o historiador.



O historiador mineiro Moacir Maia ladeado pelo carnavalesco Tarcísio Zanon e o enredista Guga Melo. Acervo pessoal

O livro reposiciona Minas Gerais no contexto da presença africana através da religião. “O Candomblé surge no século XIX, enquanto a história do Vodum é anterior, remontando ao Século XVIII em Minas Gerais, onde sua presença era mais forte do que a dos orixás devido ao maior tráfico de povos da área vodum para Minas”, revela.

Esse passado foi apagado pela forte perseguição religiosa e pela Inquisição, e muitos praticantes acabaram sendo assimilados pelo catolicismo, tornando-se devotos de santos negros.

Para o historiador, “colocar essa história na avenida ajuda a combater o racismo religioso”, que tanto impera – basta ver o caso recente da cantora Anitta, que perdeu milhares de seguidores após manifestar sua religião – e a mostrar a beleza e a herança desse povo, que traz uma filosofia religiosa de tolerância, respeito ao outro e às crenças alheias.

“A história, nascida em Minas, passou pela Bahia e desembocou na Sapucaí, revelando a conexão entre Minas Gerais e a história religiosa africana. É crucial que Minas entre nesse mapa e possa revelar cada vez mais a riqueza do passado africano presente nos arquivos das cidades mineiras e instituições no país e no exterior”, avalia.

#### **Conexão feminina entre Minas, Bahia e África**

Das mulheres africanas subjugadas à escravidão em Minas Gerais no início do Século XVIII, muitas já exerciam liderança religiosa em suas terras de origem. Em solo mineiro, além de continuarem a praticar sua fé nos voduns, muitas delas tornaram-se líderes no catolicismo, formando um afro-catolicismo presente na Irmandade dos Rosários dos Pretos, que existiu em diversos povoados mineiros, como Serro, Diamantina, Paracatu, Sabará, Mariana, Ouro Preto e São João del-Rei.

Essas mulheres desempenharam papéis significativos, algumas tornando-se líderes devido à liberdade conquistada, como Ângela Maria, que comprou sua própria liberdade e assumiu lideranças também no catolicismo. Ela se tornou Rainha do Rosário, conduzindo rituais em sua própria casa, duramente perseguidos. Também na Bahia, as mães de santo lideravam essas casas religiosas, uma inversão do padrão onde geralmente os homens assumiam tais posições na África.

Esse protagonismo feminino é representado no enredo da Viradouro pela matriarca Ludovina Pessoa e perpassa pela força das mulheres guerreiras Mino, um grupo de cinco mil combatentes incansáveis que eram devotas de voduns serpentes.

“Essa representação da mulher negra como guerreira tem sido uma inspiração para muitas, refletindo a essência do que as mulheres negras representam. Na escola de samba, esse matriarcado africano no Brasil se manifesta como mãe de todas, dedicadas a lutar por suas comunidades, liberdade e pelo amor às suas escolas e aos que as acompanham”, comenta o carnavalesco Tarcísio.



Força das mulheres foi representada no desfile da Viradouro.  
Foto: Thais Brum

#### **Mineira na pista**

A mineira, psicanalista formada em Letras, Thais Duarte Silva, 31 anos, se sentiu representada pelos sambas-enredo e pela Viradouro. Assumidamente apaixonada pelo Rio de Janeiro, pela história das escolas de samba e pelo carnaval, ela resolveu cometer uma boa loucura e partiu sem nenhum planejamento para assistir ao desfile das campeãs. Como boa mineira, fez várias amizades na arquibancada e passou todo o desfile bem acompanhada e animada. “A escola – Viradouro – veio toda colorida com a luz do dia já.

O último carro teve que abrir o desfile, devido aos problemas técnicos, e foi como se a própria serpente sagrada estivesse de volta, mordendo seu próprio rabo e abrindo os caminhos. Esse enredo da Viradouro foi mágico desde o início, toda a história anterior a ele já é por si só incrível”, relata.



A mineira Thais Duarte da Silva assistiu ao desfile das campeãs e se encantou com espetáculo e com a Viradouro, que veio toda colorida com a luz do dia.  
Foto: Arquivo pessoal

Para ela, além do encantamento coletivo, as escolas também têm caráter educador: “Representam a nossa diversidade, como a Grande Rio, por exemplo, exaltando Exu em 2022, com a Mangueira cantando tantos artistas importantes (Cartola, Jamelão, Chico Buarque, Bethânia, Alcione, Drummond) etc.; além disso carregam a luta e a resistência do povo preto, pobre e brasileiro”, completa.

#### **Axé que circula**

Para o enredista João Gustavo, o Brasil vê a África de costas, e a missão é fazer com que esses dois se olhem mediados pela beleza do carnaval, trazendo poesia, beleza nas alegorias, cores e fantasias. “Isso tudo se torna palatável, sem esvaziar o discurso de forma profunda e atrativa para as pessoas”,

destaca ele, ressaltando a importância de tornar esse diálogo acessível sem perder a profundidade, valorizando as cores, fantasias e alegorias que encantam as pessoas.

Anderson Ferreira, doutorando em Artes pela UFMG, pesquisa manifestações performativas afro-brasileiras como os Desfiles das Escolas de Samba. Ele aponta a comissão de frente e o carro alegórico sobre a santa ceia das mães de santo como destaques do desfile. “A comissão de frente sintetiza bem o enredo com as várias faces da entidade serpente, e o carro alegórico oferece uma imagem poética das mães de santo”, diz Ferreira, que também é muzenza no Nzo Atim Kaiango ua Mukongo. Para ele, o desfile enfatiza que a África é abundante em recursos e conhecimento da natureza, contrapondo a visão de miséria.

#### **O abre alas para a comunidade**

Essa valorização da afrobrasilidade também se reflete na representatividade das alas ocupadas pela própria comunidade, rompendo com a comercialização das fantasias que tende a embranquecer as avenidas. A Viradouro tem liderado esse movimento, buscando uma representação autêntica e genuína de sua identidade e de sua comunidade ao longo de sua história.

“É um trabalho que a Viradouro tem feito, indo na contramão da venda, exatamente porque a comunidade pode representar de maneira mais genuína o local de reconhecimento, tanto quanto os enredos que temos proposto. A Viradouro já tem, ao longo da história, trazido a importância da representação da pretitude, já tem essa identidade, e isso contribui muito para reforçar a identidade da escola e de sua comunidade”, comenta o carnavalesco Tarcísio Zanon.

Essa tendência também está sendo adotada por outras escolas. No próximo Carnaval, por exemplo, a Mocidade Independente de Padre Miguel anunciou que não terá alas comerciais, garantindo que todos os desfilantes sejam membros da comunidade. Esse movimento representa uma tentativa de resgatar um Carnaval mais autêntico e enraizado nas tradições afro-brasileiras.

## NEGÓCIOS

## Elas deixaram seus empregos para abrir a empresa Maria Silva By Brechó.

### Conheça a história das gêmeas empreendedoras Gisele e Gislene Silva

**Sandrinha Flávia**

Jornalista, apresentadora e empresária



Foto: Luana Ariel

Os brechós desempenham um papel fundamental na economia circular, que é um modelo econômico que reduz o desperdício e a extração excessiva de recursos naturais. Foi pensando nisso, e na autonomia de tomar decisões, flexibilidade de horários e realização pessoal que as gêmeas Gisele e Gislene Silva decidiram investir em um negócio alinhado com os seus objetivos e paixão pela moda.

O espaço Maria Silva By Brechó foi inaugurado no final de 2019. As irmãs empreendedoras sempre chamaram atenção por onde passam com seus estilos únicos de se vestirem. Elas sabem combinar os looks da moda, vintage, cores, acessórios e calçados. Desde a adolescência, não só acompanham como atuam no universo da moda, além de terem frequentado muitos brechós em busca de peças diferenciadas para o uso próprio.

Moradoras de Divinópolis, MG, cidade considerada a capital da moda, Gisele e Gislene trabalharam durante muitos anos em fábricas de roupas na cidade. Gislene foi da área de produção, depois se tornou costureira. Gisele foi auxiliar de produção em fábrica de bordados. A experiência na moda não para por aí, elas também atuaram como modelo e fizeram parte da Oficina Mundi Models, projeto do Movimento Negro de Divinópolis. Gisele foi uma das coordenadoras desse projeto.

Em 2015, antes de abrirem o brechó, Gislene Silva resolveu iniciar um negócio como vendedora de roupas de porta em porta. Com o passar do tempo, o lucro já não estava tão interessante.

Foi nesse momento que a ideia do brechó ganhou forma. Começar o negócio não foi tarefa fácil, mas somando suas experiências em conhecimento de moda e a ajuda de amigos e familiares, o projeto aconteceu.

As primeiras peças do Brechó foram as roupas estocadas do último negócio de Gislene. Para complementar, garimparam seus próprios armários e até mesmo, o armário de sua mãe, Maria Silva, mesmo nome do brechó, uma forma de homenagear aquela que lhes deu a vida.

O recurso financeiro para investir, elas não tinham, mas a vontade era grande. Foi quando encontraram um imóvel no centro da cidade, porém nos fundos.

Gisele relata que no início deu um medo de assumir o compromisso, mas locaram o pequeno imóvel. Os amigos e familiares ajudaram na reforma, na aquisição dos móveis, araras etc.

Já são cinco anos de empresa e as irmãs estão cada vez mais apaixonadas por garimpar bazares de associações e fornecedores atacadistas em busca de peças renovadas com foco na qualidade do tecido. O diferencial do brechó são peças com mais de quarenta anos e de marcas conhecidas. Outro diferencial comentado na cidade é a consultoria de moda para clientes. As irmãs criam combinações de roupas e acessórios para diferentes ocasiões, como trabalho, eventos sociais, viagens, entre outros.

Sobre ter um negócio próprio que colabora com o meio ambiente, Gisele diz que “É gratificante. Cada dia que passa, é um conhecimento novo que adquirimos. No início, achávamos que não teríamos capacidade, mas estamos dando conta do recado e somos orgulhosas do nosso crescimento e propósito.” Já Gislene acredita que as pessoas estão cada vez mais vaidosas, bem-vestidas, mas com consciência ambiental. Com o aumento de clientes, o espaço ficou pequeno e foi necessária uma mudança, pois

como disse Gislene, “a demanda vai aumentando e as ideias também.”

O novo local é mais amplo, acolhedor, tem mais visibilidade e fácil acesso.

Instagram @ [mariasilvabybrecho](#)



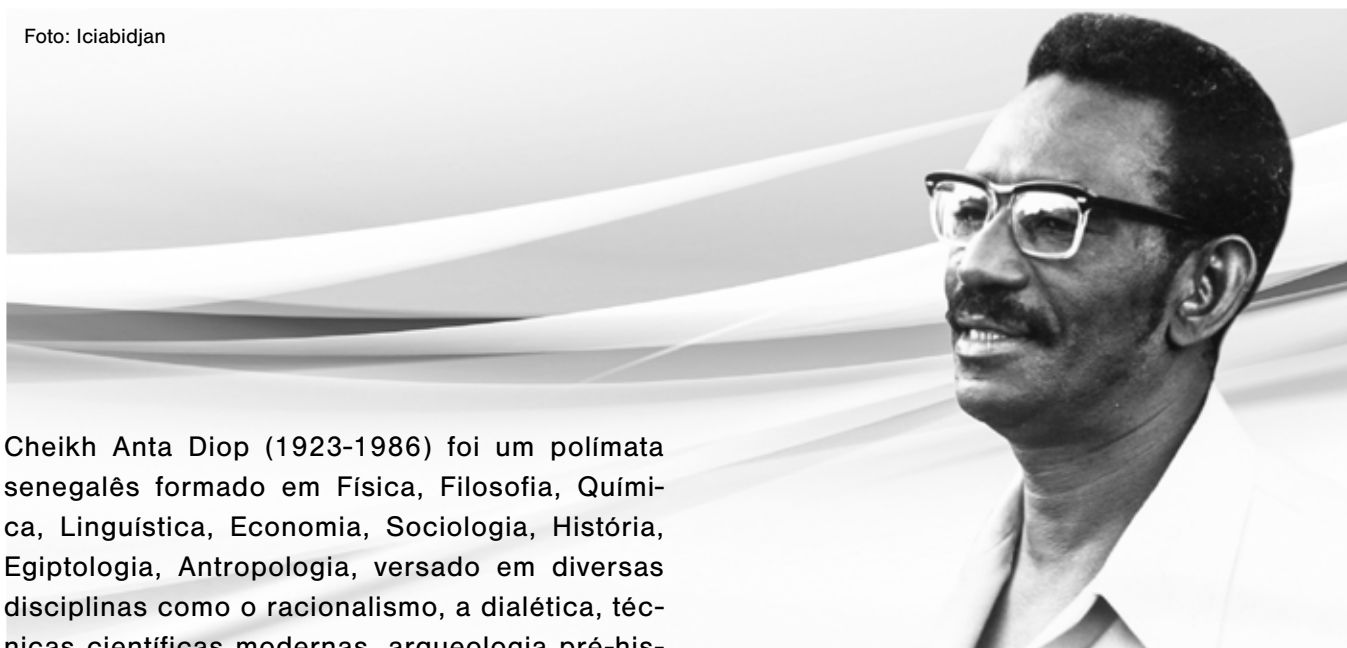
Foto: Luana Ariel

# Cheikh Anta Diop: Pensador das Áfricas e da diáspora

**Marcos Antônio Cardoso**

Filósofo. Professor de História da África

Foto: Iciabidjan



Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi um polímata senegalês formado em Física, Filosofia, Química, Linguística, Economia, Sociologia, História, Egíptologia, Antropologia, versado em diversas disciplinas como o racionalismo, a dialética, técnicas científicas modernas, arqueologia pré-histórica. Enfim, um homem africano que estudou as origens da raça humana, e a cultura africana antes da colonização. Ainda hoje ele é considerado como um dos maiores historiadores africanos do século XX. Cheik Anta Diop utilizou todo o conhecimento acumulado pela humanidade até então, derrubando o racismo científico, para sustentar a tese que defendeu em toda sua vida: O Egito antigo como uma civilização negra. A publicação de suas ideias no livro *Nacions nègres et culture*, fez dele um dos historiadores mais controversos do seu tempo.

Cheikh Anta Diop nasceu em 1923 em uma pequena aldeia no Senegal, Caytou, proveniente de uma família mulçumana Wolof, sendo educado numa escola islâmica tradicional e morreu em Dakar em 7 de fevereiro de 1986 em Dakar. É um dos maiores cientistas do século 20, pois os principais temas desenvolvidos por Cheikh Anta Diop estão presentes nos 12 livros que ele escreveu que podem ser agrupados em **seis** grandes categorias:

**A.** A origem do homem e sua migração. Entre os assuntos discutidos: direitos de antiguidade na África, o processo de diferenciação da humanidade biológica, processo sémitisation, o surgimento de berberes na história, a identificação de grande migração e treinamento de grupos étnicos africanos.

**B.** Parentesco Antigo Egito / África Negra. É estudada de acordo com os seguintes aspectos: o povoamento do Vale do Nilo, a gênese da civilização egípcia-nubiano, parentesco linguístico, o parentesco cultural, estruturas sócio-políticas, etc.

**C.** A investigação sobre a evolução das sociedades. Diversos desenvolvimentos são dedicados às origens das antigas formas de organização social encontrados em áreas do sul geográficos (África) e Norte (Europa), o nascimento do Estado, formação e organização dos Estados africanos depois declínio do Egito, a caracterização das estruturas sociais e políticas na África e na Europa antes do período colonial e respectiva

evolução, modos de produção, sociocultural e histórico que levou ao renascimento europeu.

**D.** A contribuição da África para a civilização. Essa contribuição é desenvolvida em muitas áreas: metalurgia, a escrita, a ciência (matemática, astronomia, medicina), artes e arquitetura, literatura, filosofia, religiões reveladas (Judaísmo, Cristianismo, o Islamismo) etc.

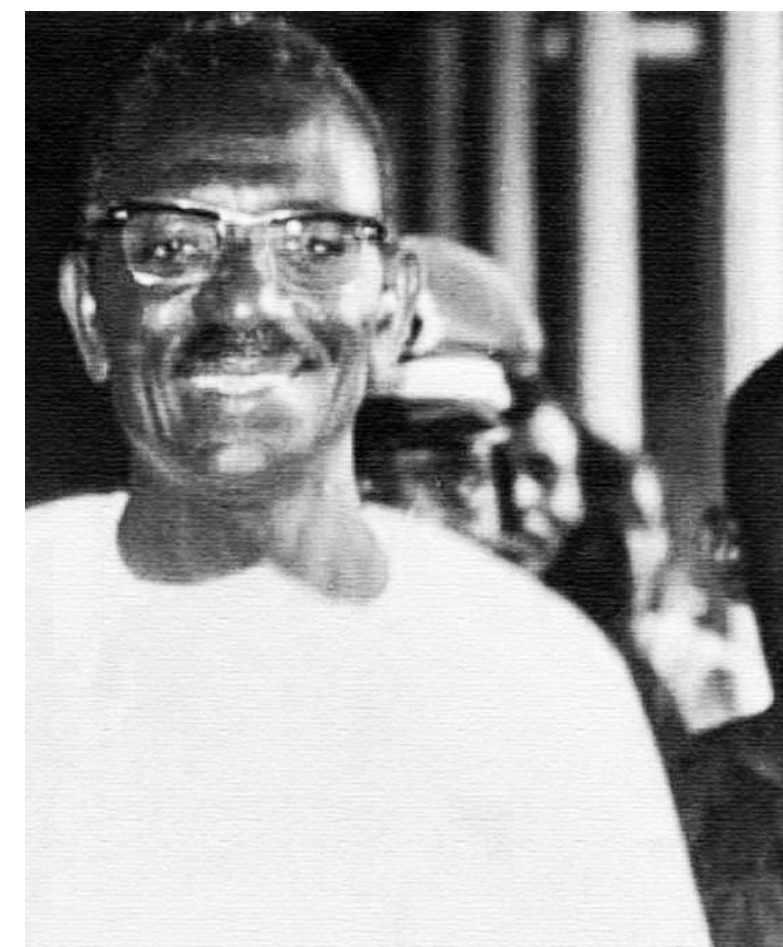
**E.** Cheik Anta Diop abordou em suas reflexões as grandes questões colocadas pela construção de uma África moderna tanto no campo da Economia, das tecnologias e na área industrial quanto no campo das ciências, na área institucional, sobretudo, trazendo contribuições imensas para a cultura material da África. Dentre essas contribuições cabe destacar a política educacional com a utilização das línguas nacionais em todos os aspectos da vida pública em contraponto às línguas oficiais, ou seja, a língua falada pelos colonizadores europeus e a introdução do desenvolvimento da pesquisa básica. No campo institucional advogou pela representação das mulheres na política e nas instituições de segurança bem como defendeu uma das ideias centrais da filosofia política pan-africanista de construção ou de tornar a África em Estado Federal Democrático. Uma das criações científicas mais importantes de Cheikh Anta Diop foi a tecnologia de rádio carbono (responsável pela datação precisa de fósseis, fundamental para as pesquisas em Arqueologia) cujo laboratório dirigiu até sua morte, contribuindo significativamente para enraizamento da Ciência na África.

**F.** Por fim, Cheik Anta Diop sonhava com a construção de uma civilização planetária e, para isso, a humanidade deveria romper com o racismo, o genocídio e as diversas formas de escravidão. O objetivo é o triunfo da civilização sobre a barbárie. Cheikh Anta Diop chama para o advento da era em que veria todas as nações do mundo se darem as mãos “para construir a civilização planetária em vez de afundar na barbárie” (*Civilização ou Barbárie*, 1981). Para ele, o resultado de um projeto como este requer: a denúncia de falsificação da história moderna.

As teorias de Cheik Anta Diop têm sido apoiadas por um número de estudiosos que mapeiam os genes humanos por meio de técnicas modernas de análise de DNA. Diop identificou um fenótipo preto, que se estende desde a Índia, Austrália até a África, com semelhanças físicas em termos de pele escura, e uma série de outras características. E por que os traços físicos são importantes? Porque a raça é uma categoria relevante, e fenótipo ou aparência física é o que importa nas relações sociais e históricas.

Os egípcios da atualidade são uma mistura de povos, e Diop não ignorou essa mistura existente na história egípcia. Ele reconheceu que os antigos egípcios absorveram genes “estrangeiros” em vários momentos da sua história, mas considerou que essa mistura não alterou a essência original da sua etnia.

Fotos: Reprodução



## Literatura e Mulheres Negras: Possibilidades

**Rosália Diogo**

Professora, jornalista, pós-doutora em Antropologia da População Afro-Brasileira.  
Chefe de Redação da Revista Canjerê

Defendo o argumento segundo o qual os sujeitos que se propõem a escrever, e publicizar o seu escrito, são motivados pelo seu compromisso com o social. Penso que ao transmitirmos as nossas ideias para alguém, desejamos no mínimo que o conteúdo do nosso pensamento tenha sentido para outros. Ao lermos um argumento de um autor, revelado por meio da sua escrita, estamos lendo, por decorrência, a sua leitura de mundo, a partir do seu pertencimento social, étnico, familiar ou outros. Sou mulher, negra, oriunda de família pobre, ainda que a nossa tendência seja usar de eufemismos e dizer “família humilde”. Atrevo-me a, como tenho escrito em alguns momentos, dizer que escrevo a partir da minha subjetividade, inscrevendo-me na linha de teóricos que defendem essa forma de dissertação, que se orienta por meio da história de vida, nesse caso, a minha, e as das mulheres às quais invoco neste texto. Ao fazer tal movimento, entendo que os sujeitos, ou ato-

res sociais, são seres de memória, de cultura e história, reflexivos. Início as minhas exemplificações falando do processo de escrita da mulher negra que é **Conceição Evaristo**. Para tanto, peço que a escritora se apresente, e com essa apresentação, ela já nos fornece possibilidade de entender por que conceitua a sua escrita como sendo uma *escrevivência*:

“O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...”

A escritora defende o argumento segundo o qual o conjunto da sua escrita resulta de suas experiências de vida. Nesse fragmento, por

exemplo, ela denuncia como a mãe e as tias se debruçaram sobre as bacias com roupas sujas das senhoras brancas para as lavarem. As letras da escritora evidenciam a ressonância de um momento dos seus antepassados, marcados pelo processo de escravização outrora impingido a esse grupo social no Brasil por quase quatrocentos anos. Em particular, Evaristo aponta, por meio da escrita, as agruras vividas pelas mulheres negras no Brasil naquele período e após o regime escravocrata. Assim, ela relata experiências vividas, como é o caso destacado na epígrafe acima, e ficcionaliza situações que fazem alusão à situação experimentadas em momentos individuais e coletivos com o grupo social ao qual pertence.

Ao nos adentrarmos nas tessituras por ela produzidas, encontramos uma vigorosa construção que se distancia do modelo que até a bem pouco tempo atrás se dizia hegemônico, que é o de encenar personagens negras na condição de invisibilidade, estereotipia ou alienação. No caso de Conceição Evaristo, as personagens de mulheres negras assumem um lugar privilegiado que permite ao leitor ver uma outra face desse grupo social.

O que lemos na obra de Evaristo são mulheres negras se rebelando contra a situação de opressão, denunciando o machismo, o sexismo, e ressignificando os seus papéis historicamente silenciados pelo fato de homens brancos serem, na maioria das vezes, os elaboradores das práticas discursivas no plano literário.

Outra escritora negra a quem damos voz para nos falar do seu processo de insurreição no que se refere à situação pré-estabelecida, de que a produção escrita deveria ser norteadada e creditada por homens e brancos, em seu conjunto, é **Miriam Alves**. Ela também revisita a literatura tradicional ao produzir textos que denunciam a situação de opressão de afro-brasileiros e, em especial, a da mulher negra.

Alves é mais uma escritora negra que rasura

um discurso que se quer linear no âmbito da literatura nacional e promove a visibilidade e o protagonismo da mulher nas tessituras da sua escrita, tal como podemos conferir abaixo:

O racismo do branco contra o negro, o sexismo do homem contra a mulher são similares. (...) Em geral, a tendência da escritora negra é se engajar na luta do homem, chamada de geral. A especificidade de ser mulher escritora que aflora nos trabalhos passa então despercebida. (...) Não preciso estar falando de chibata, escravidão, para escrever literatura negra. A arte é liberdade, libertação. A minha arte é engajada comigo. Eu sou o quê? Eu sou negra, mulher, mãe solteira, empresária, filha, funcionária, militante. (...) Se eu não consigo falar num conto, eu vou falar num poema. Se eu não consigo no poema, eu escrevo uma novela. Se eu não consigo numa novela, eu tento um romance. Se eu não conseguir em nada disso, quem sabe uma história em quadrinhos resolve? São os meus instrumentos. A literatura é o meu instrumento. Se eu conseguir me comunicar enchendo o papel de vírgula, e o leitor entender que eu estou falando do lugar onde o Brasil se instala, da miserabilidade em que a população negra se encontra, se eu conseguir falar com vírgulas, eu vou encher o papel de vírgula (ALVES, apud MARTINS, 2010, p.115).

Alves (2010), ainda nos instiga a pensar sobre o modo como devemos compreender e promover o que no dizer dela é a literatura negra ao mencionar que essa expressão só passou a ser usada no Brasil, com mais frequência, a partir dos anos 1970. Para corroborar com as nossas reflexões sobre o papel da mulher negra no Brasil, e a forma com a qual a representação sobre esse grupo social deve ser revisto na contemporaneidade, inserimos um excerto da abordagem literária da poeta, atriz e cantora, **Elisa Lucinda**:



Fotos: Divulgação

### Aviso da lua que Menstrua

Moço, cuidado com ela!  
Há que se ter cautela com esta gente que  
menstrua...

Imagine uma cachoeira às avessas:  
cada ato que faz, o corpo confessa.

Cuidado, moço  
às vezes parece erva, parece hera  
cuidado com essa gente que gera  
essa gente que se metamorfoseia  
metade legível, metade sereia.  
Barriga cresce, explode humanidades  
e ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar  
mas é outro lugar, aí é que está:  
cada palavra dita, antes de dizer, homem,  
reflita...

Para fechar esse ciclo de quatro escritoras  
negras que têm como mote em seu processo  
de escrita e dramatização a busca do equilí-  
brio entre ser afro-brasileira artistas, compro-  
metidas com um texto contestatório em relação  
à opressão e denunciador de relações desi-  
guais para esse grupo social em nosso país,  
cito **Cristiane Sobral**. Ela é poeta e atriz. No  
excerto do poema abaixo, Sobral brinca com a  
forma como ela, e tantas outras mulheres ne-  
gras, usam o cabelo, abusando da naturalidade  
da textura dele para contestar estereótipos ou  
esgarçar preconceitos em relação aos cabelos  
crespos que não sofrem processo de mutação  
para se aproximarem do cabelo liso, natural à  
mulheres brancas:

#### Pixaim elétrico

meu pixaim elétrico gritava alto  
provocava sem alisar ninguém  
meu cabelo estava cheio de si  
Naquele dia  
preparei a carapinha para enfrentar  
a monotonia da paisagem da estrada  
soltei os grampos e segui  
de cara pro vento, bem desafortada  
sem esconder volumes nem negar raízes

De maneira magistral, a poeta avisa ao homem  
como deve perceber o papel da mulher nos  
dias atuais. Ela, ao reforçar que fala a partir da  
sua própria experiência de mulher, apresenta  
importantes elementos para que possamos nos  
apropriar da sua leitura sobre as relações de  
gênero. O poder da mulher é reposto, em con-  
fronto com o lugar comum, que historicamente  
tenta o ofuscar, desvirtuá-lo e, por vezes, me-  
nosprezá-lo.



Fotos: Divulgação

#### REFERÊNCIAS:

- ALVES, Miriam.** Brasil Afro autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- EVARISTO, Conceição.** Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/data1/atores/43/dadosatualizados3.pdf>. Acesso em 25 de nov. 2011.
- LUCINDA, Elisa.** O semelhante. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SOBRAL, Cristiane.** Não vou mais lavar os pratos. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora. 2010.

## CULTURA - LITERATURA

# Bakhita

### Marcial Ávila

Artista plástico especialista em estudos africanos e afro-brasileiros. Autor e ilustrador de livros infantis

Ela nasceu abençoada pelas terras africanas  
Era encantada com as belezas do céu  
Perguntava sempre quem as havia criado  
Sonhava em morar na imensidão azul  
As estrelas, a lua e o sol eram seus guias  
Mas sua infância foi violada  
Quebraram seu sonho e roubaram sua liberdade  
A escravidão colocou suas garras sobre o seu corpo  
Sua pele foi torturada deixando marcas indelévelas  
Apagaram o seu nome de origem  
Tornou-se mercadoria de vários senhores  
Mas sua alma nobre nunca foi vencida  
Seu coração era cheio de esperanças  
Deram-lhe o nome de Bakhita, a afortunada

Foi comprada e levada de sua África  
Seus novos donos lhe deram afeto e carinho  
Coisas que tinha há muito esquecido  
Em terra estrangeira se instalou e viveu  
Encontrou consolo na fé e nela se amparou  
Dedicou-se aos menos favorecidos  
Seu espírito nobre e puro se renovou  
Viveu anos de abnegação e simplicidade  
Em meio à dor seu coração se tornou luz  
Devolveu ao mundo apenas amor  
Quando bem idosa se elevou aos céus  
Realizou seu sonho de menina  
A igreja dos brancos se curvou à sua beatitude  
A África ganhou sua primeira santa  
Uma santa negra da cor do seu povo  
Bakhita, a Santa preta do Sudão!



Ilustração: Marcial Ávila

## A caneta e os versos de Matéria Prima

**Roger Deff**

Rapper de BH, jornalista com especialização em produção e crítica cultural pela PUC Minas e Mestre em Artes pela UEMG

Fotos: Pablo Bernardo



Thiago Augusto, mineiro mais conhecido pela alcunha de Matéria Prima, é dono de um dos mais interessantes trabalhos do rap brasileiro, com uma discografia que se mantém coesa e versátil; na medida em que, a cada álbum, o MC busca novos desafios na abordagem dos temas e na forma como constrói seus versos.

Matéria deu início à sua carreira no final dos anos 90, quando conheceu a música através da prática do skate e ganhou reconhecimento nacional quando participou do grupo Quinto Andar, com o disco "Piratão", trabalho que reunia MCs como De Leve, Marechal e Shawlin, e marcou história como um dos pioneiros do chamado "rap underground".

Em BH, Matéria também integrou a banda Zimun, com a mistura de jazz, rap e referências ao Clube da Esquina.

Com seu estilo único e reconhecido como uma das mais dedicadas canetas do rap brasileiro, tal o grau de exigência que impõe às composições, Matéria Prima tornou-se uma das mais importantes referências do estilo, influenciando novos e antigos MCs. Inquieto, o rapper segue com uma produção

intensa e incessante, sempre marcada por rimas e versos sofisticados que tratam as questões do cotidiano sob lentes carregadas de poesia, metáforas e referências provenientes do olhar atento de quem ainda observa a rua com o mesmo fascínio de quando começou sua caminhada e, sua característica mais marcante, a busca por formas diferentes de contar as histórias, bem como a busca por temas pouco ou nada explorados no contexto do rap, indo além do protesto e negando os conhecidos lugares comuns atribuídos ao estilo. O artista busca por liberdade lírica e nega todo e qualquer rótulo que tentem lhe atribuir e, por estas e outras razões, Matéria Prima é diamante, bruto e lapidado, do nosso rap, um dos mais habilidosos poetas deste segmento e um dos mais dignos representantes da classe dos MCs. Destaque para seu EP "Rasante", lançado em 2024, mas chamo atenção para clássicos como 2 Atos (2027) e Rascunho de um Momento Conurbado (2019).

## Kilombos: Espaços de produções culturais e artísticas

**Rosália Diogo**

Professora, jornalista, pós-doutora em Antropologia da População Afro-Brasileira. Chefe de Redação da Revista Canjerê

Tivemos a oportunidade de conhecer as comunidades Ponto de Cultura Kilombo Artes Buriti do Meio; Bom Jardim e Porto Velho, Norte de Minas. Foi mais uma oportunidade para constatar o quanto essas comunidades quilombolas preservam e reinventam as nossas ancestralidades, a partir do legado que foi trazido e deixado no Brasil pelos ancestrais africanos. Elas pertencem ao Município de São Francisco. A maior parte das mulheres desses quilombos utilizam a técnica da feitura de artes da cerâmica como estratégia de sobrevivência.

Outra arte preservada por essa população são as danças Catolê, Pote e Penerei Fubá, e Dança do Carneiro. A dança do Catolê é uma referência e saudação à uma espécie de côco que existia na região no passado. E, embora ele não exista mais, em função das secas, a dança continua como preservação da tradição.

A dança do Pote é uma alusão à difícil situação que a comunidade passou na medida que, em um

determinado momento do passado, faltava água para consumo. Os potes de cerâmica eram usados para que as pessoas buscassem esse líquido precioso no rio próximo, várias vezes por dia.

Dança da Peneira, cuja canção usada é a de domínio popular Penerei Fubá, é uma dança que reporta à uma histórica prática desses quilombos que até hoje usam o pilão para socar o milho e peneirar o fubá para fazer seus alimentos.

A dança do Carneiro é uma espécie de Lundu que é tocada e dançada pela comunidade quilombola de Bom Jardim, faz décadas.

Essas comunidades perenizam o legado deixado pelos escravizados, que trouxeram tantas riquezas culturais para o Brasil.



Fotos: Acervo pessoal

Equipe Casarão das Artes

## Alegoria da Paisagem

O disco *Alegoria da Paisagem*, terceiro álbum solo do rapper mineiro Roger Deff, ganhou seu primeiro videoclipe. A canção escolhida para transcender ao audiovisual foi a música que dá nome ao disco, feita em parceria com Michelle Oliveira. Produzido por Ricardo Cunha e Edgar Filho, o álbum carrega elementos sonoros de gêneros como o funk, o rap e o samba, reforçando a brasilidade que Deff chama de “sotaque sonoro periférico” e mantendo o rap como catalisador. O álbum composto por nove faixas autorais foi inspirado nos debates que o rapper vivenciou ao longo do seu mestrado pesquisando sobre o Hip-Hop de BH, que refletia o que é ou não considerado paisagem na cidade. Assim, as músicas questionam como a periferia é percebida no contexto urbano, sua invisibilidade e, paradoxalmente, sua onipresença – cultural, simbólica e física.

Capa do disco - Fotos: Divulgação



## Conheça Nara Couto, voz na nova geração de artistas baianos

Multartista e pesquisadora das culturas africanas e afro-brasileiras, Nara Couto anunciou o lançamento de um novo trabalho musical em 2024 e quem assina os arranjos e a direção artística é o saudoso Letieres Leite, músico baiano fundador da Orquestra Rurplezz. A primeira música lançada foi o single “Filho de Rei”, com Mateus Aleluia, e o segundo é “Meu Caminhar”, em parceria com Luedji Luna e Égbómy Cici. A artista compartilhou em suas redes sociais que o projeto vem sendo construído desde 2019, e que contou com mais de 30 profissionais envolvidos prevendo vídeos, álbum, show e imersão ancestral. Nara Couto nasceu no bairro do Curuzu, em Salvador, e começou a pesquisar, ainda adolescente, sobre a relação da musicalidade baiana com o continente africano. Influenciada pelas batidas do bloco afro Ilê Aiyê, se especializou em dança afro contemporânea. Como atriz, atuou nas novelas globais “Velho Chico”, “Segundo sol” e no musical “Dona Ivone Lara” e na peça “Uma leitura de búzios”.



Foto: Marcelo Alonso

## Belo Horizonte ganhará estátuas de Lélia Gonzalez e Maria Carolina de Jesus

“BH precisa ter uma estátua de uma pessoa negra”. Foi a partir dessa ideia que a jornalista Etiene Martins compartilhou despretensiosamente com a amiga Joseli Rosa, chefe de gabinete da deputada estadual Bella Gonçalves (PSOL), durante uma viagem, que o sonho começou a se tornar realidade. Lélia Gonzalez ou Maria Carolina de Jesus seriam as sugestões da jornalista, que não conseguiu apenas uma, mas as duas estátuas a partir do

acolhimento da ideia e mobilização do gabinete de Bella Gonçalves que providenciou emenda parlamentar com recursos financeiros para a criação dos monumentos. A Fundação Municipal de Cultura ficou responsável pela execução do projeto. A previsão é de que as estátuas sejam inauguradas em junho, instaladas em frente ao Teatro Francisco Nunes, dentro do Parque Municipal Américo Renné Giannetti.



Foto: Divulgação



Foto: César Loureiro

## A dança do Serrão para o Brasil

O espetáculo de dança *Brinco de Ouro*, um manifesto artístico do grupo Favelinha Dance, vai sair em turnê nacional, passando por diversas capitais do país. O anúncio foi feito pelo Kdu dos Anjos, fundador do Centro Cultural Lá da Favelinha quando o espetáculo foi encenado pela primeira vez dentro da sua comunidade, o Aglomerado da Serra, na abertura do Festival da Quebrada. A apresentação artística celebra a diversidade cultural, resgata a história da comunidade preta e favelada mineira e reflete sobre sua identidade em um contexto histórico marcado pela exploração e resistência. A agenda dos espetáculos será anunciada em breve no Instagram @ladafavelinha.

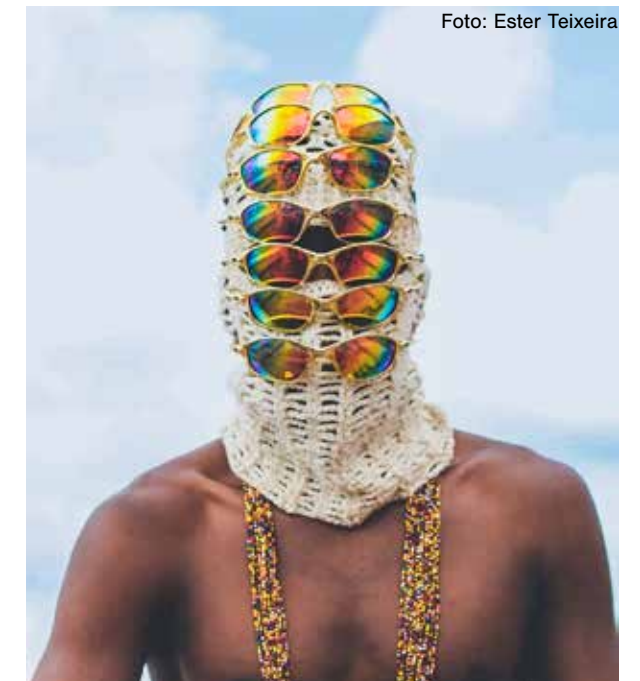


Foto: Ester Teixeira

Foto: Ana Clara Martins

## Inhotim traz obra “O Barco” de Grada Kilomba para o Brasil



Grada Kilomba desembarcou no Brasil com sua obra escultórica, performática e poética, *O Barco* (2021), inédita no país. A inauguração foi no dia 13 de abril e ocupa a Galeria Galpão, no Inhotim. A produção da artista é particularmente conhecida pela prática subversiva de contar histórias e pelas suas imagens imersivas e poéticas, nas quais dá corpo, voz, forma e movimento aos seus próprios escritos. No trabalho *O Barco* (2021), 134 blocos de madeira queimada estendem-se por 32 metros, dispostos em referência à arquitetura do fundo das embarcações que levavam pelo oceano milhões de corpos africanos escravizados. Ao longo do deslocamento entre os blocos, o visitante depara-se com um poema escrito por Kilomba e traduzido para 6 idiomas: Yorubá, Crioulo de Cabo Verde, Kimbundu, Português, Inglês e Árabe da Síria. A instalação escultórica é acompanhada, ainda, de três atos de performance, que acontecem ao longo do período de exibição do trabalho no Inhotim.

## Grande, novo álbum de Iza Sabino

A artista mineira Iza Sabino, de Santa Luzia, se prepara para lançar seu segundo álbum solo denominado “Grande”, que contará com convidados de peso da música nacional. “As Preta Primeiro”, feito em colaboração com MC Luanna, foi o primeiro lançamento do novo álbum. Em atividade na cena Hip Hop desde 2014, Iza Sabino é uma voz feminina que traz a representatividade enquanto mulher negra e LGBTQIAPN+ na cena do rap. Ela atualmente também viaja pelo país participando da turnê Inocente Demotape, de Djonga, com quem colabora na faixa “Fumaça” do álbum que dá nome a tour. Ela tem atuado abrindo a turnê ao lado de outros artistas do selo musical Quadrilha em cidades como Salvador, Curitiba e São Paulo. Neste ano, a artista chegou a ser citada nominalmente por Emicida na abertura de sua turnê AmarElo – A Gira Final, em Belo Horizonte, como uma das artistas de destaque em Minas Gerais.



Foto: Coniini 06

## Jeferson Tenório tem obra premiada censurada

O livro *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório, foi alvo de censura em três estados brasileiros, com recolhimento nas escolas públicas do Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul. A justificativa foi de que o romance literário, vencedor do Prêmio Jabuti 2021, apresenta “língua imprópria” para menores de 18 anos. A obra traz temáticas como o racismo estrutural e as desigualdades nas relações raciais no Brasil, tendo como protagonista Pedro, um jovem negro que tem seu pai assassinado por policiais e busca desvendar o passado familiar e reconstruir sua identidade. Em sua rede social, o autor divulgou a cópia do ofício paranaense e escreveu que nenhuma autoridade tem o poder de mandar recolher materiais pedagógicos de uma escola: “é uma atitude inconstitucional. É um ato que fere um dos pilares da democracia que é o direito à cultura e à educação. Não se pode decidir o que os alunos devem ou não ler com uma canetada”. Após censura, na semana seguinte, as vendas de “*O Averso da Pele*” cresceram mais de 6.000%, segundo dados da BookInfo.

Foto - Divulgação



# Africanidade é questão de estilo!



Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro é com a Nega Badu!



Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795  
[www.facebook.com/NEGA-BADU-503633653106251](https://www.facebook.com/NEGA-BADU-503633653106251)



**Niarri**  
Afrocosméticos

Linha



**MALIKA**

Hidrata e Nutre

PARA CABELOS CRESPOS,  
CACHEADOS E EM TRANSIÇÃO.

- Manteiga de Ucuuba
- Manteiga de Cupuaçu
- Óleo de Abacate



*Seu crespo ou cachos merecem essa força!*

Livre de sulfatos, parabenos, petrolatos, silicone e corantes.

(31) 99388-1063 [niariafrocosmeticos.com.br](http://niariafrocosmeticos.com.br)

[niariafrocosmeticos](#) [niariafrocosmeticosoficial](#)